



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO EM SAÚDE

Leonardo de Santana Werneck

O FENÔMENO DA ARENIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS NO BRASIL: elitização ou inovação?

Rio de Janeiro

2024

Leonardo de Santana Werneck

O FENÔMENO DA ARENIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS NO BRASIL: elitização ou inovação?

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientador(a): Gilberto Estrela Santiago

Rio de Janeiro

2024

Leonardo de Santana Werneck

O FENÔMENO DA ARENIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS NO BRASIL: elitização ou inovação?

Monografia apresentada como requisito parcial para  
aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Aprovado em 21/11/2024

BANCA EXAMINADORA

---

Gilberto Estrela Santiago  
[EPSJV/FIOCRUZ]

---

Gabrielle Paulanti de Melo Teixeira  
[EPSJV/FIOCRUZ]

---

Renata Rufino Amaro  
[EPSJV/FIOCRUZ]

Rio de Janeiro

2024

*Para meu avô Ari.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas as pessoas que me acompanharam durante essa trajetória de 3 anos e 5 meses na Politécnica, incluindo alguns professores, que ensinaram a ocupar-me de mim e desenvolver habilidades que eu não fazia ideia de que era capaz, além de me ajudarem em assuntos corriqueiros da vida política, ensinando princípios de economia e, principalmente, organizações de maneira coletiva e fazer um pouco para poder transformar a realidade em que vivo.

Ao meu orientador, Gilberto Estrela, que aceitou, mesmo sem nunca ter se aprofundado no assunto da arenização dos estádios, me auxiliar nessa produção de 2 anos de estudo, quando eu estava sem ninguém para conduzir a orientação.

Às integrantes da minha banca examinadora, Gabrielle Paulanti, exímia torcedora do Club de Regatas Vasco da Gama e entusiasta de Machado de Assis, e Renata Rufino, que além de botafoguense, é a maior admiradora de Milton Santos.

À minha querida psicóloga, Vânia, que desde 2023 me ajudou demais a não enloquecer nessa escola, algo quase impossível.

Às minhas queridas colegas Sophia, Ana Vitória, Guinever e Lorena, que proporcionaram conversas incríveis e em muitos momentos uma terapia coletiva, me ajudando na tomada de muitas decisões complicadas, além de darem ideias geniais para complementar este trabalho.

À todos os meus companheiros do Grêmio Politécnico Dandara dos Palmares, que fizeram do ano de 2024 especial, e me ensinaram muito, cada dia que passamos juntos, além, é claro, das infinitas reuniões que fizemos.

Aos meus queridos amigos Eduardo, Iago, Nayane, Ana Clara, Vinícius, Júlia, Carol, Ricardo, Victor e Manu, que desde 2019 suportam meus bons e maus momentos. Sem vocês, dificilmente eu estaria aqui defendendo esta monografia.

Obviamente, e finalmente, aos meus pais, Luiza e Gilberto, e às minhas avós Maria Luiza e Therezinha, que há mais de 19 anos vêm me aturando, o que particularmente é uma tarefa bem complicada.

*(As meninas)*

*“Mas eu só quero  
educar meus filhos*

*Tornar-me um  
cidadão com muita  
dignidade.*

*Eu quero viver bem,  
quero me alimentar,  
com a grana que eu  
tenho, não dá nem pra  
melar. E o motivo  
todo mundo já  
conhece: é que de  
cima sobe e o de  
baixo desce.*

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo analisar e conceituar o processo de arenização dos estádios no Brasil e as consequências que afetam suas estruturas e modos de pensar o futebol, agora visto mais como negócio do que espetáculo, e principalmente os torcedores, que frequentam assiduamente esses espaços, buscando relacionar isso à lógica de mercado neoliberal que transforma em produto um elemento fundamental para a cultura e identificação da brasilidade. Além disso, procura-se problematizar de forma breve o impacto desse fenômeno na construção de memórias populares. Tendo em vista que o público do futebol é modificado, este trabalho busca definir de que modo essa mudança ocorre, com enfoque na percepção de se o futebol se torna elitizado ou se moderniza, pois quem está nos estádios atualmente não tem as mesmas características dos torcedores até o início dos anos 2000. É de extrema importância salientar que o foco desta pesquisa é perceber como o futebol passa a se comportar a partir da arenização, seus impactos nas formas de organização e convivência dos torcedores nos estádios, além das consequências sociopolíticas e econômicas.

Palavras-chave: Arenização dos Estádios. Elitização. Torcidas.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>13</b>
<b>1.A ARENIZAÇÃO E SUAS ESTRUTURAS, À BRASILEIRA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.MODERNIZAÇÃO, INCLUSÃO E MUDANÇA DA SUBJETIVIDADE.....</b>	<b>18</b>
<b>3.FIM DA HISTÓRIA OU NOVO COMEÇO: AS RESISTÊNCIAS NO BRASIL.....</b>	<b>21</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>27</b>

## INTRODUÇÃO

A arenização dos estádios costuma não ser muito debatida fora do meio acadêmico. Anseio, com esta pesquisa, discutir sobre o processo de transformação de arenas, de modo que as pessoas amantes do futebol possam compreender esse processo, que, por razões político-econômicas, é escanteado por influência de quem controla, justamente, o poder de modificar os estádios e torná-los “casas de shows”, tirando sua principal função: unir pessoas em um mesmo lugar para demonstrar apoio ao seu clube do coração, transformando o futebol, os estádios, entre outros elementos do esporte em mercadorias, produtos a serem consumidos. Esta mudança faz com que o futebol deixe de ser um encontro de histórias, catarse e união das pessoas.

Tive também, por motivação pessoal, o desejo de compreender mais a fundo esse processo, pois meu time, pelo qual sou fanático, o Club de Regatas Vasco da Gama (CRVG), possui um projeto de reforma e arenização de sua casa, o Estádio São Januário. Um clube desta magnitude, com toda a sua história de luta antirracista e a favor dos direitos LGBTQI+, precisa reconhecer seu papel social desde 1898 e atuar a favor do povo que o construiu e o sustenta.

Portanto, analisar com o máximo rigor esse projeto que transformará o seu estádio em uma arena, projeto já na mesa da diretoria do clube e da associação, já que o CRVG, desde 2022, é um clube-empresa, ou seja, as decisões são centralizadas nos sócios da empresa, não mais nos sócios do clube associativo.

Minha expectativa neste Trabalho de Conclusão de Curso foi perceber como o fenômeno da arenização dos estádios, especificamente no Brasil, pode afetar essas estruturas e seu público frequentador, explorando se o futebol e o seu público tornam-se elitizados ou é apenas uma modernização bem-vinda, dessa forma podendo compreender o que pode acontecer com São Januário caso esse projeto de arenização seja concretizado.

Observo que esse tema possui uma abrangência enorme, e por muitas vezes é complicado de se entender. Aumentar o alcance da discussão sobre a arenização no Brasil é um dos pontos principais que me motivou a realizar esta pesquisa.

A fim de delimitar o objeto de estudo para este Trabalho de Conclusão de Curso, foi definido como objetivo geral compreender os impactos do fenômeno da arenização dos estádios de futebol no Brasil, enquanto elitização ou inovação, no que diz respeito aos modos de pensar e torcer na contemporaneidade, tendo em vista a ascensão do neoliberalismo econômico.

Além disso, de modo a estabelecer o enfoque desta pesquisa, buscou-se atender os seguintes objetivos específicos:

1. Explicar e conceituar a categoria de arenização dos estádios, tendo em vista o seu papel na construção de memórias populares;
2. Problematizar em que medida o fenômeno da arenização no Brasil pode ser considerado elitista, considerando a ideologia neoliberal;
3. Entender de que forma o fenômeno da arenização influencia os modos de torcer do futebol brasileiro na contemporaneidade.

No Brasil, quando o assunto é futebol, geralmente as pessoas lembram dos momentos marcantes vividos. Seja um gol histórico, uma bola na trave memorável que não entrou, a defesa que assegurou o título do “time do coração”. Mas, acima de tudo, se lembra onde ocorreu, pois é no espaço em suas diversas escalas que se materializam as camadas de memória coletiva de uma sociedade, tendo em vista que todo o contexto no qual o sujeito está envolvido contribui de alguma maneira para reconstruir os vestígios e impressões de um determinado momento (Halbwachs, 2013, p.251).

Logo, nos estádios, nas gigantescas construções feitas para a prática do futebol e o “acolhimento” dos torcedores que revelam um ritual catártico<sup>1</sup> do povo, que tem o futebol como meio de expressão, é onde ocorre a explosão dos sentimentos que não puderam ser liberados durante a semana de trabalho. Pensemos nos estádios de futebol como um dos poucos locais para a manifestação das emoções populares.

Nesse caso, as diversas linguagens se incorporam nesse grande espetáculo que é o jogo, a interação dos torcedores com o ambiente arquitetônico, os comerciantes locais, a comunidade do entorno e boa parte da cidade. Sob esse ponto de vista, são produzidas memórias das mais variadas entre os viventes do futebol, o que ajuda a criar uma cultura, no caso do Brasil, com fortes influências deste esporte.

Segundo Damo (2021, p.215), os torcedores vão para o estádio não para ficarem em paz consigo, mas sim para se rodearem de uma atmosfera exuberante, que vai além da partida, e varia de acordo com o estádio, o jogo e os torcedores, já que são esses elementos que irão moldar a experiência ali vivida.

---

<sup>1</sup> A partir de Fanon: “Em qualquer sociedade, em qualquer coletividade, existe, deve existir, um canal, uma porta de saída, por onde as energias acumuladas sob a forma de agressividade possam ser liberadas.” (Fanon, 2020, p.161)

Os estádios são frutos dessa memória coletiva, ambientando toda a construção não só com os gritos do público, mas de todos que já viveram naquele local e contribuíram para a sua construção, tanto física, quanto espaço de convivência e organização.

Contudo, desde a década de 1980, e no Brasil a partir de 1990, o capitalismo ocidental vem reconfigurando a agenda econômica numa perspectiva neoliberal, acentuada pela intervenção do mercado nas formas de organização do trabalho, da geografia urbana, metropolitana e global. No sentido dessa mudança de organização econômica, é possível observar que as formas empreendedoras do capitalismo financeiro produzem uma concepção de arenização dos estádios, definida no trecho a seguir:

“[...] em vias gerais pode ser definido como um processo que modifica a estrutura do futebol, flexibilizando a maneira de se extrair dinheiro do esporte, ao mesmo tempo em que cria mecanismos para o controle, a punição ou o afastamento de torcedores que possam, de alguma forma, torná-lo menos rentável. Em outras palavras, é um processo que visa mudar o papel social que o futebol exerce.” (Rampazzo, 2021, p. 3).

Pensando por essa ótica, a arenização, que muda as arquiteturas dos estádios atendendo à lógica neoliberal, se configura também como um processo de mudança do caráter do futebol, no qual os torcedores que podem representar potenciais reduções da margem de lucro são retirados, expulsos e punidos, aumentando a vigilância e tratando o futebol apenas como uma mercadoria, um produto a ser vendido, excluindo sua forma de representação popular. Desse modo, os estádios passam a sofrer mudanças em toda a sua estrutura como por exemplo a redução do público limite nos estádios, cadeiras por todos os lados, ao invés das arquibancadas, a proibição de comportamentos efusivos por parte dos torcedores (Santos, 2014, p.10), além de se relacionar também com o início da transformação dos clubes em empresas (Sociedades Anônimas do Futebol).

Entre as diversas agendas do neoliberalismo, a cidade se torna um produto, tendo todo e qualquer ponto transformado em mercadoria a ser consumida. Ou seja, nos anos 80, iniciou-se um processo de mudança na estrutura urbana, que concebe na arenização uma tecnologia que corresponda aos interesses dos aglomerados de grupos e marcas transnacionais, nutrindo um novo

interesse da economia global em remodelar as cidades num processo de integração dos estádios à economia da metrópole.

Em resumo, as mesmas alterações realizadas nos centros urbanos, agora deveriam ser aplicadas aos estádios, para uma melhor integração à cidade e interação com o novo modelo econômico. Nessa perspectiva, os agentes da economia passam a influenciar o futebol, percebido agora como uma máquina de lucros quase que infinita.

Contudo, a arenização dos estádios se configura como um sistema de organização espacial, global, territorial, regional e local, portanto, estamos tratando de uma rede econômica que gira em torno da mercantilização do futebol enquanto negócio. Novos mercados também passam a serem explorados, como o das apostas esportivas –Bets-, passando a ter um impacto significativo na economia do país.

Com a ascensão do neoliberalismo, o futebol, assim como os estádios, incorpora novas tecnologias, é associado a grupos e empresas globais na disputa de mídia, marketing e espaços comerciais com locação em shoppings, redes de alimentos e marcas competitivas no cenário de negócios.

Nessa via, estar introduzido no processo de arenização dos estádios no Brasil é possuir poder econômico e, conseqüentemente, político, podendo influenciar decisões da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), onde ocorre a política do futebol e sua formulação de diretrizes e normas.

Mesmo atualmente, as arenas e estádios ainda são espaços de disputa, não só futebolística, mas política. Como será visto no subtópico a seguir, existem grupos com forte interesse econômico nas arenas, sendo estes conflitantes com o interesse dos trabalhadores, que são desde o começo da popularização do futebol, os principais entusiastas deste espetáculo. Se de um lado há o capital com a sua investida para mercantilizar quaisquer aspectos da vida que sejam, excluindo as massas desse processo, vale lembrar que estas pessoas, mesmo que não possam reconstruir os estádios, agora transformados em arenas, podem resistir e se manifestar de outras maneiras.

O fenômeno da arenização reúne duas linhas de pensamento mais comuns nos ambientes de pesquisa, com uma visão que aborda este processo : há quem defenda esta mudança nos estádios, argumentando que se trata de uma modernização, em função de uma estrutura precária, falta de espaços de circulação para os torcedores, uma melhor interação com a cidade, a possibilidade de

outros usos econômicos para além do futebol e uma construção integrada ambientalmente, com sustentabilidade e menores emissões de carbono (Mello, 2013, p.156).

Adotando uma perspectiva liberal, isso faz com que os clubes agora possam aumentar os seus lucros, já que um novo mercado será aberto com a transformação em “arena multiuso”. De acordo com Silva e Carletto (2020, p.7): “A ‘arenização’, tal qual a revitalização ou reforma destes estádios não é apenas imprescindível para o desenvolvimento da nação, como necessária no contexto socioeconômico em que vivemos.”.

Para os críticos desse processo, a arenização se configura como uma forma de elitizar o futebol, utilizando a desculpa de modernização para aumentar os preços dos ingressos, aumentar a vigilância sobre os torcedores, tendo como meio o autoritarismo policial, ao mesmo tempo em que os individualiza e promove a animalização dos torcedores e outros grupos que realizem manifestações consideradas subversivas ou contrárias aos padrões FIFA nos estádios, esses que podem representar risco aos lucros (Rampazzo, 2021, p.3). Deste modo, “subir o nível dos clientes”, revela o interesse na marginalização dos originais frequentadores, geralmente oriundos das classes mais baixas da sociedade.

De acordo com Santos (2014, p.11), esse processo produziu a idealização de um “público-família”, mais passivo e menos acostumado com a cultura festiva dos torcedores das classes populares. Também é importante a mudança ocorrida na construção da memória, pois agora as arenas não são mais um espaço de encontro e organização, mas um local onde se consome o produto futebol. É a partir dessas duas linhas de raciocínio que esta pesquisa se desenvolve. Ainda é um ponto crucial neste trabalho abordar a arenização de uma forma mais brasileira, tendo em vista que as realidades diferentes moldam sociedades diferentes. Além disso, pensar os estádios não como espaços neutros, mas sim de disputas sociopolíticas como qualquer outro, é fundamental para compreender seu papel na conjuntura atual, com enfoque, certamente, no Brasil.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa adotou a abordagem metodológica qualitativa, ou seja, sem cunho estatístico ou epistemológico, acerca da temática da arenização dos estádios e de seus impactos no âmbito do futebol, com destaque para o fenômeno social das torcidas organizadas, tendo como procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico nas bases de dados – SciELO Google Acadêmico e Periódicos CAPES; consulta a portais de notícias, tais como G1, UOL, Lance!; ESPN Brasil, GE

(Globo Esporte) e Ludopédio, além de livros físicos. Para tanto, foram utilizados como descritores os seguintes termos: “Arenização dos Estádios”, “Elitização”, “Torcidas”.

A análise do material empírico procurou responder à seguinte questão norteadora: “*O fenômeno da arenização dos estádios de futebol no Brasil pode ser considerado uma forma de elitização ou de inovação dos modos de pensar o futebol e torcer na contemporaneidade?*”.

## **1. A ARENIZAÇÃO E SUAS ESTRUTURAS, À BRASILEIRA**

O processo de mudança do caráter dos estádios no Brasil ocorre desde o final da década de 90, e foi intensificado a partir dos anos 2010 (Damo, 2021, p.236), sendo o marco inicial a construção da Arena da Baixada, pertencente ao Club Athletico Paranaense. Este estádio, além de modificar a essência da estrutura para a prática do futebol, foi utilizado como modelo para uma onda crescente de reformulações e novas construções, agora inseridas na lógica de arenas, tanto com incentivos governamentais como por iniciativa dos próprios clubes. A Arena da Baixada simboliza o início de uma nova era, marcando uma profunda mudança na maneira como os espaços futebolísticos são percebidos e utilizados na sociedade brasileira.

Esta transformação não ocorreu isoladamente, mas inserida num contexto mais amplo de mudanças nas estruturas socioeconômicas e culturais no Brasil e no mundo, com destaque para a Inglaterra, legitimados por um período, no qual ir aos jogos era correr um risco de vida ou morte (Simas, 2021, p.180). Influenciados pelo modelo econômico neoliberal, que havia adotado na Europa uma política de perseguição aos torcedores, mudar o público torcedor era imprescindível.

Este processo, denominado de arenização, reflete uma mudança de espaços para a prática do esporte para espaços multiuso, visando uma “experiência completa ao espectador, confortável, segura e que proporcione o entretenimento”. Em decorrência disso, o público-alvo é modificado, agora mais “família”, em contraste com as massas fervorosas de trabalhadores acostumadas aos monumentais estádios do século XX.

Alterar os espaços físicos é uma necessidade para implementar medidas de consumo - alimentação, lazer e compras -, um suposto conforto, baseado no esfriamento por parte tanto da arena quanto do comportamento dos torcedores. Tais mudanças alteram a dinâmica do jogo, que vai além dos noventa minutos em campo. O que era denominado de futebol-arte agora tem que

prezar a tática, o raciocínio, a organização. Os modos de se pensar as estratégias das partidas também se alteram em conjunto com os ambientes da prática futebolística.

Todas essas medidas, em uma escala diferente, também modificam a relação entre os clubes e suas torcidas, que irão cada vez mais se aprofundar em uma relação puramente mercantil, com a venda de camisetas, utensílios e outros acessórios, com o propósito de aumentar receitas a qualquer custo, modificando inclusive o poderio dos times em proporção à quantidade de propaganda que cada um produzirá. Dessa forma, a arenização é responsável por remodelar a relação entre os clubes de futebol, seus torcedores e a sociedade em geral.

Já foi abordado que a arenização se caracteriza pela alteração no papel social que o futebol exerce. Para isso, a forma do espaço em que se é praticado deve ser levado em consideração. De acordo com o geógrafo Milton Santos, a geografia dos espaços, é, em si, desigual, fato que decorre dos modos de produção e sociabilidade no qual estamos inseridos (Santos, 2012, p.148).

Sob esse ponto de vista, as arenas irão atender à lógica do capitalismo neoliberal, modelo econômico vigente no Brasil, e ainda estando em sua periferia, ou também chamado de Sul Global, o que aprofunda a relação de colonialismo do capital dos países centrais sob os periféricos. Na sua obra *Imperialismo: etapa superior do capitalismo*, Vladimir Lênin aprofunda as reflexões sobre a teoria da dependência, fundamental para compreender as colônias modernas do século 20, podendo ser explicada pelo seguinte trecho:

“[...] a partilha do mundo é a transição da política colonial que se estende sem obstáculos às regiões ainda não apropriadas por nenhuma potência capitalista para a política colonial de posse monopolista dos territórios do globo já inteiramente repartido.”  
(Lênin, 2011, p.217)

As palavras de Lênin ainda reverberam no nosso tempo, sendo perfeitamente possível associar o imperialismo com os interesses dos grandes conglomerados transnacionais no processo de arenização dos estádios.

Trata-se, então, da mesma exploração colonial, porém, agora advinda destas corporações e não necessariamente dos estados nacionais do centro do capital. Assim, o capital financeiro se concentra, fazendo com que as empresas exerçam seu monopólio sobre o país neocolonizado, o que representa a hegemonia desses grupos formados por poucas pessoas perante países com

centenas de milhões de habitantes. Os estádios agora buscam uma gestão “profissional”, que possui o sentido de, resumidamente, obter lucros cada vez maiores, independente das condições ou métodos de obtenção.

Para além disso, as diversas formas de se captar dinheiro não se tornam inteiramente responsabilidade do clube. As transmissões dos jogos pela televisão ampliaram de forma significativa o faturamento dos clubes, o que, somado ao processo de arenização, impulsiona a redução de acesso do “povão” aos estádios. Tal fato se materializa no estudo abaixo:

“De acordo com um estudo da PLURI Consultoria, os 100 maiores clubes brasileiros arrecadaram R\$249 milhões em venda de ingressos, enquanto o valor do repasse das cotas televisivas atingiu o recorde de R\$1,4 bilhões. Caso todas as outras fontes de receita desses clubes sejam somadas (transferências, patrocínios, parte social e planos de sócio torcedor) o valor não atingiria a marca alcançada pela TV.” (Apud Santos, 2014, p.10)

O que ocorre é, com o avanço tecnológico globalizado e a facilidade de assistir a um jogo, as receitas provenientes da venda de ingressos têm sua importância reduzida, do mesmo modo que se torna essencial fechar contratos elevados de transmissão por TV, sendo, portanto, um meio de afastamento dos torcedores “raiz”, que não possuem poder econômico suficiente para frequentar os estádios, pois a demanda, de modo induzido, é reduzida. Sendo o futebol o mais popular esporte do Brasil, de acordo com o IBGE -13,5 milhões de adeptos à prática do esporte em 2017-, a consequência óbvia é o aumento de preços, fazendo com que apenas as pessoas com mais dinheiro possam presenciar no local a partida.

Tais manifestações também ocorrem na arquitetura, promovendo ambientes individualizados que inibem o senso de coletividade dos torcedores. Com a construção de estádios padronizados, o jogo torna-se mais frio, pois as torcidas se adequam ao novo modelo imposto, sem uma especificidade de determinado estádio ou jogo. Tudo e todos parecem iguais, sendo a distinção os clubes que estão competindo e alguns poucos coletivos organizados que ainda festejam aos moldes do futebol massificado.

O processo de aburguesamento do futebol e dos estádios, como diz o escritor Luiz Antônio Simas, na sua obra *Maracanã: quando a cidade era terreiro*, para além do afastamento das

camadas populares dos espaços gentrificados<sup>2</sup>, promove uma submissão ao capital, que é sustentado tanto por discursos como o da “gestão financeira responsável, já mencionado anteriormente, até o “tratamento ecológico” dos estádios.

A arenização é, então, uma forma de normatizar os estádios, além de incluí-los na esfera produtiva atual, porque ou derruba suas raízes antigas, em busca de criar um imaginário novo sobre eles, ou constrói do zero uma memória que será moldada a partir das transformações econômicas e políticas anteriormente mencionadas. Ao mesmo tempo, utiliza de ferramentas mercantis para aumentar a margem de lucro e reproduzir a lógica colonial, dessa vez sob uma ótica financeira e de falsa modernidade.

Como resultado, os torcedores são penalizados por decisões de pessoas que não vivem o futebol, não o tem como elemento formador na vida e na cultura, como é o caso de boa parte dos brasileiros entretidos pelo esporte. Como será visto no trecho abaixo, os representantes dos clubes não possuem nenhuma conexão com o “futebol real”:

“Cartolas, empresários, banqueiros, pessoas que hoje organizam e cuidam do futebol nunca tiveram intimidade e nem a noção do que o jogo representa para as pessoas. Para eles não importa se a partida vai ter ingresso mais caro, ou se um clássico terá 10% de visitante ou torcida única, ou se o horário é o mais inviável possível. O futebol é um produto para gerar lucro e nada mais que isso.” (Martins, 2024, p. 1)

Tal processo produz um distanciamento no torcedor, que não se vê ou sente representado pelo clube que escolheu, pois o lucro foi priorizado acima de tudo o que o clube significa para ele. A lógica de mercantilização do futebol, que se utiliza do processo de arenização dos estádios para expandir o domínio do capital sobre o esporte, é a real causa desse afastamento. Com camisas, itens e acessórios caros, em um contexto no qual se valoriza ao extremo o consumo de mercadorias e as

---

<sup>2</sup> Gentrificação é o “processo de aburguesar, ou seja, elitizar espaços nas grandes metrópoles, o que gera o afastamento das camadas populares do local modificado. O espaço gentrificado passa a ser gerido prioritariamente pelos interesses do mercado financeiro, do grande capital e quejandos”. (Apud Simas, 2021, p.187) Significa que os mais pobres deixam de acessar locais que eram comuns a eles, produzindo perdas de identidade e uma redução da cidade a uma simples mercadoria.

torna parte da identidade do indivíduo, a financeirização da atividade cultural que faz parte do cotidiano da classe trabalhadora se torna ainda mais presente.

Se o torcedor da nova ordem do futebol deve estar na frente da televisão, enquanto nas arenas devem estar os consumidores do produto futebol (Simas, 2021, p.180), o processo de arenização dos estádios, ao mesmo tempo em que se pensa na maximização dos lucros, retira da classe trabalhadora não somente um meio de entretenimento, mas possibilidades de construção de redes e relações com outros, individualizando cada vez mais o torcer. Entretanto, algumas camadas do proletariado podem enxergar uma melhoria tímida nas condições de torcer, ainda que esta sirva como meio de controle e docilização dos torcedores que estão nos estádios, tópico central da discussão do capítulo seguinte, também observando como a memória nos espaços antigos e arenizados se manifesta.

## **2. MODERNIZAÇÃO, INCLUSÃO E MUDANÇA DA SUBJETIVIDADE**

As arenas são marcadas e justificadas pelo argumento de que é preciso melhorar as condições dos estádios. Banheiros sem higienização, falta de espaços para circulação, além dos casos de superlotação de torcedores são alguns dos apontamentos. Porém, aliado a estes problemas estruturais, no sentido literal, a “inclusão” de grupos minoritários que sofriam repressões e perseguições nos estádios da velha ordem do futebol, é um fator que legitima o processo de arenização.

Mulheres, crianças e pessoas LGBT não eram bem recepcionadas nos estádios em seus moldes antigos, ainda que houvesse grupos e lideranças de resistência, como por exemplo a torcedora Dulce Rosalina, que foi presidente da Torcida Organizada do Vasco, se tornando a primeira mulher a presidir uma torcida organizada de um clube de futebol no Brasil (Oliveira, 2021, p.309). Com a construção, reforma e transformação em arenas e a suposta segurança, com cadeiras marcadas, maiores espaços entre os setores e redução da capacidade, o ambiente se torna mais propício para o “publico-família”.

Uma realidade que é facilitada, de fato, é o acesso, por exemplo, de pessoas com deficiência e com Transtorno do Espectro Autista, que as arenas, agora mais espaçosas, oferecem a possibilidade de existência de ambientes específicos para assistir aos jogos. Em abril de 2024, 9 estádios e arenas pelo Brasil possuíam espaços para pessoas com Transtorno do Espectro Autista: Mineirão (MG), Neo Química Arena (Corinthians), Allianz Parque (Palmeiras), Couto Pereira

(Coritiba), Beira-Rio (Internacional), Morumbi (São Paulo), Alfredo Jaconi (Juventude), Arena Pantanal (MT), Hailé Pinheiro (Goiás) (Pires, 2024). Desse modo, o ingresso de torcedores portadores de TEA, antes impedido devido à ausência destes ambientes, agora é possível, e os grupos de torcedores tornam-se mais diversos, sendo, inclusive, criados coletivos focados nestas pautas, como os Autistas Alvinegros, do Corinthians, e os Autistas da Colina, do Vasco da Gama.

As arenas facilitaram este acesso, mas ele ainda possui um recorte de classe. Os maiores beneficiários são as famílias da classe média, que disporão de recursos para arcar com ingressos e outros métodos de entrada nos jogos -sócio torcedor, por exemplo-, e aqueles com alto poder aquisitivo, que não se misturarão e estarão confortáveis nos seus camarotes privados, enquanto esses mesmos grupos da camada mais pobre serão excluídos de frequentar um de seus poucos espaços de entretenimento.

O fato de a nova geração de estádios se utilizar de áreas maiores, sendo a localização ideal próxima a um grande centro urbano, com acesso aos transportes públicos, com ruas e avenidas largas e estacionamento (Mello, 2013, p.155) faz com que esta mudança na classe dos frequentadores seja mais evidente. Quais torcedores dispõem de carros? Quais dispõem de recursos para pagar 120 reais em despesas de um jogo, considerando ingresso, estacionamento e alimentação/bebida?

Os defensores da modernização deixam bem explícitos os interesses de docilização e individualização do torcer. Para o arquiteto e consultor em arquitetura esportiva Eduardo de Castro Mello (2013, p.158), já anteriormente citado, “quando há falhas de projeto, impedindo a visão do espetáculo, o público se irrita facilmente e tende a se manter em pé, atrapalhando os demais espectadores e gerando um clima propício a conflitos indesejáveis”.

O discurso da inovação, do público familiar, cordial e individual está explícito na análise dos que o defendem, como observado acima. As administrações dos clubes e dos estádios não se preocupam em atingir a camada mais pobre, pois ela não pode pagar pelo ingresso, portanto, não deve consumir o produto futebol.

Se o público agora é aquele capacitado a consumir os mais variados produtos oferecidos dentro das praças desportivas que vão muito além do mero jogo (Santos, 2014, p.12), podemos presumir que a modernidade nesse tópico se trata de uma maquiagem, para esconder as ideias racistas e classistas dos agentes econômicos que detêm o poder de selecionar quem está apto para frequentar uma arena ou não. Ainda que consiga trazer uma maior pluralidade nas torcidas, o

processo de arenização se utiliza desses avanços para se consolidar e quem questiona esse modelo apoia grupos de torcidas “bárbaros”, brutos.

O uso destes mecanismos apenas reflete nos estádios o modelo neoliberal atual no Brasil, e, dessa forma, eles se adequam às necessidades dos agentes econômicos que o gerem, utilizando por mero interesse comercial lutas de populações minorizadas para vender a imagem de inclusão. Com o público readequado e a arenização solidificada como método de gestão e aproveitamento social, os estádios são ressignificados, tanto para as técnicas que giram em torno destes monumentos, como para as memórias que foram produzidas pelos antigos frequentadores, que não mais terão a oportunidade de presenciar a partida do seu clube do coração.

Deste modo, estas memórias constituem uma importante parte do processo de alteração da essência dos estádios. Reformados, construídos ou transformados em arenas, a interação dos torcedores será diferente em relação ao espaço antigo, além da mesma para com as torcidas organizadas e coletivos que estarão presentes no jogo. Isto não se limita apenas ao indivíduo, “tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social” (Halbwachs, 2013, p.247).

A fim de analisar o impacto não apenas material, mas também imaterial, é preciso observar, inicialmente, como as trocas entre o físico e o que não pode ser mensurado ou quantificado ocorrem. Posteriormente, se fará necessário contextualizar esta relação para o objeto aqui estudado, ou seja, as arenas e seus elementos adjacentes.

Tratemos então, primeiramente, sobre o inconsciente, aquilo que está dentro de nós, porém não se manifesta por uma simples vontade ou rejeição. Em seu estudo sobre a obra do psicoterapeuta Carl Jung, a médica psiquiatra Nise da Silveira, peça fundamental no movimento antimanicomial brasileiro, expõe a seguinte definição sobre o conceito:

“O inconsciente coletivo funciona, na interpretação psicológica, como o denominador comum que reúne e explica numerosos fatos impossíveis de entender, no momento atual da ciência, sem sua postulação. Enquanto o inconsciente pessoal é composto de conteúdos cuja existência decorre de experiências individuais, os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são impessoais, comuns todos os homens e transmitem-se por hereditariedade.” (Silveira, 1981, p.66)

Isto significa, portanto, que o inconsciente das massas, conhecido pela população como senso comum, é construído ao longo do tempo. Dessa forma, ele se constrói a partir do conjunto das memórias construídas de cada pessoa, se tornando a “média” entre todas estas experiências, e que serão repassadas de geração a geração. Esse ponto é fundamental para entender a relação com a produção de histórias em torno dos estádios.

Essa modelagem de memórias conjuntas, em oposição à individual, é que será responsável por ativar determinadas lembranças, mesmo sem a noção por parte da pessoa que está no meio. Pode-se dizer, portanto, que a produção coletiva da memória, o conjunto de experiências individuais que se incorporam entre si, irá gerar a visão comum sobre um momento específico. Se a memória é um dos elementos que nos caracteriza como seres humanos (Miranda, 2019, p.270), ela se torna um aspecto indissociável da nossa vida cotidiana, e não lidar com a mesma nos afastará do entendimento sobre nós<sup>3</sup>.

Dessa maneira, a lembrança é resultado de um processo coletivo, estando inserida em um contexto social específico (Halbwachs, 2013, p.248). Assim, nas arenas, este processo se modifica, tendo em vista que a arquitetura do espaço é alterada, fazendo com que seja criada uma sociabilidade nova nesses lugares. Esta alteração é responsável por criar um torcedor gourmetizado, que estará no jogo não para vê-lo ou participar da festividade das torcidas, mas para espectar, apenas olhar o produto e consumi-lo.

Conseguimos observar as diferentes frentes de ação do fenômeno da arenização, tanto estruturais como no subjetivo das pessoas que frequentarão os espaços afetados. Porém, ainda se faz necessário tratar sobre um tópico tão importante quanto: como resistir? O que fazer com esta investida do capital financeiro, nacional e internacional, que parece ser invencível? Para encontrar respostas a estas dúvidas, é preciso compreender o impacto, de fato, nos grupos que fazem os jogos terem seu apelo popular: as torcidas.

### **3. FIM DA HISTÓRIA OU NOVO COMEÇO: AS RESISTÊNCIAS NO BRASIL**

Não estão sendo abordadas apenas torcidas organizadas, mas qualquer coletivo e grupo social de torcedores que estejam unificados em uma entidade, por assim dizer. Com a arenização,

---

<sup>3</sup> Para entender de modo mais aprofundado os conceitos de memória e inconsciente, ler: Halbwachs, 2013. Miranda, 2019. e Silveira, 1981.

a festa e determinados tipos de manifestações mais catárticas realizada se tornam mais assépticas, mais frias, com o argumento de medidas tomadas para garantir a segurança dos agora espectadores, a exemplo da proibição de sinalizadores, papel picado – este com uma justificativa ambiental real - e o incentivo à confecção de mosaicos e bandeiras 3D. Estas ações acabam por individualizar ainda mais o torcedor, que não se enxergará como semelhante no estádio.

O cenário apresentado tem relação direta com a noção de futebol no século XXI. Segundo Pinheiro (2021, pg.343) “a expressão Futebol Moderno designa as transformações econômicas, culturais, sociais, arquitetônicas e organizacionais resultadas do processo de mercantilização do futebol em curso no Brasil[...]”. Desse modo, este conceito é uma direta consequência do fenômeno da arenização, que modifica em sua quase totalidade a definição e propósitos iniciais do futebol.

Política de *all-seated*<sup>4</sup> e proibição dos elementos festivos são fatores que parecem provas cabais de que o esporte mais popular do Brasil está, de certo modo, morrendo. O seu entorno, que o faz ser o que é, estaria morrendo. Não se pode perder de vista este ponto, em relação com o período econômico neoliberal, que produz essa apatia quando todos os aspectos da vida se tornam mercado, inclusive o ato de festejar, que vem se perdendo conforme a arenização avança.

Em seu livro *Sociedade do Cansaço*, o filósofo Byung Chul-Han introduz essa mudança de definição do termo festa, que, adaptando para o contexto dos estádios, está sendo reprimida e não tendo seu real significado.

“As festas ou festivais de hoje são eventos ou espetáculos. A temporalidade do evento é contrária à temporalidade da festa. O evento remonta à palavra latina *eventus*. *Eventus* significa: vir acontecer de repente, acontecer. Sua temporalidade é a eventualidade. A eventualidade pode ser qualquer coisa, menos necessidade de tempo celebrativo. É a temporalidade da própria sociedade atual que perde contato com tudo que é vinculativo, com tudo que estabelece laços.”(Han, 2015, p.114)

Sob essa perspectiva, o que passa a ocorrer nas arenas seria um evento, de modo que sua relação com o jogo, com os times em campo no geral fosse incapaz de gerar vínculo, pertencimento. Ir ao estádio passa a ser um mero acaso, em consonância com a própria percepção sobre o futebol

---

<sup>4</sup> Consiste em, na tradução direta, manter todos os torcedores sentados. “A pessoa que está na sua frente não poderá levantar-se, pois, assim fazendo, ela poderá atrapalhar sua experiência obstruindo sua visão”. (Rampazzo, pg.9) Ainda que tenha seu objetivo limitado devido à resistência dos torcedores brasileiros, é mais uma medida que visa isolar o torcedor do conjunto, da totalidade da(s) torcida(s).

na atualidade, promovendo um ambiente apático, no qual as emoções devam ser contidas, e não extravasadas, como concebido no século XX.

Desse modo, é necessário repensar sobre o que fazer quando um local que possuía esta finalidade, de descarga, passa a ser um local de contenção. De certo modo, isto também tem um impacto na psique dos torcedores, o que problematizaremos daqui em diante será sobre que formas (se há alguma) de resistência podem ser aplicadas para que estes sejam espaços de construções de laços e vínculos mais concretos, realizando a interação entre ser e espaço.

Algumas experiências devem ser destacadas. Inicialmente, temos as novas gerais, espaços sem cadeiras, geralmente um setor do estádio, com preços mais acessíveis e que uma maior parcela dos torcedores pode comprar. Além disso, estádios completamente arenizados, ou seja, com 100% de sua capacidade sendo cadeiras, também estão inclusos, contudo, estes passarão por um processo de apropriação de um dos seus setores por parte dos torcedores organizados coletivamente, e na quase totalidade dos casos, aquele com o ingresso mais barato será o escolhido.

Como exemplos do primeiro caso, podemos citar a Arena do Grêmio, Neo Química Arena, Arena MRV (Atlético-MG), Beira-Rio, Arena da Baixada (Athletico-PR) e Arena Fonte Nova (BA). Todos estes, após forte pressão dos torcedores, cederam e criaram um espaço que pudesse justificar uma espécie de caráter “popular”, que muitos clubes adotam por um quesito midiático<sup>5</sup>. Querendo ou não, estas atitudes se tornaram importantes pontos que comprovam que o intuito principal do processo de arenização, ao menos no Brasil, não consegue se concretizar por completo.

Além disso, a ressignificação de setores específicos, nas arenas sendo comumente relegados às extremidades do campo, ou seja, Norte e Sul, cujos ingressos são os mais baratos, também vale a nossa atenção. Desse modelo de resistência, podemos citar como fortes exemplos o Maracanã (RJ), o Mineirão, o Allianz Parque e a Arena Castelão (CE). Nesses setores mencionados anteriormente, o que se observa é uma diferenciação do restante do espaço, na qual os torcedores são menos apáticos, parecem não temer a vigilância pela qual a arenização os expõe.

Em sua análise sobre a especificidade do caso do Maracanã, Simas (2021, p.207) apresenta uma resistência não organizada, mas que ocorre de modo coletivo, com “Torcedores ignorando lugares marcados, assistindo aos jogos de pé, circulando livremente pela área delimitada com bandeiras e instrumentos de percussão e pulando às vezes de pé nas próprias cadeiras.” Segundo o

---

<sup>5</sup> Para entender melhor esta obsessão em ser o “clube do povo” por parte de muitos times brasileiros, ler: Simões, 2014.

autor, isto caracteriza uma autonomia controlada, o que mesmo não sendo o ideal para a liberdade de manifestação, ainda possui uma diferença discrepante aos outros setores, que, segundo ele, “parecem ter a alegria das enfermarias”.

Sendo assim, os atos de participação na atmosfera do jogo, por parte dos torcedores, ainda que tenham sido reduzidos, continuam presentes nas arenas modernas, sendo um exemplo de que a essência e a razão pela qual se idealizou o futebol estão vivas, em contraste com o neoliberalismo presente na dinâmica estrutural dos espaços, destacando a transformação em massa para a Copa do Mundo de 2014 (Abrantes, 2022, p.324).

Estas resistências nos dão uma importante lição ao nos lembrar que ainda há perspectiva de futuro, que a arenização não é o fim da história, mas um processo político-arquitetônico que dialoga com as características atuais da economia. Elas são, portanto, uma nova forma de lidar e sociabilizar nestes espaços, que vinham nos últimos anos, de certa maneira, afastando modos de torcer mais acalorados.

Ainda que contemos com a ascensão de programas como o sócio torcedor, que se desenvolve em paralelo ao processo de criminalização da torcida organizada (*Apud* Simões, 2017, p.249), as culturas torcedores mais efusivas, consideradas subversivas pelos agentes regentes da arenização vêm ganhando mais força. Reapropriar os espaços, mesmo que conte com um saudosismo da década de 80/90, onde o futebol-arte pôde demonstrar seu êxito maior. A mercantilização do futebol deixa cada vez mais evidente que sua prioridade não é o torcedor popular, mas sim aquele com determinado poder de consumo, e estas lutas servem para demonstrar que é possível uma nova ordem do futebol no período das arenas. Resta aos torcedores desenvolver esta sociabilidade.

Torna-se necessário, portanto, construir o modelo de estádio que possa abranger a parte da população que foi sistematicamente excluída destes espaços, produzindo mais uma ofensiva do capital contra um dos poucos meios de entretenimento dos trabalhadores. Dessa forma, Pinheiro (2021, p.343), nos convida a uma reflexão final: “que estádios os torcedores irão deixar para o futuro? Espaços em que podem se manifestar e desfrutar de sua potência política coletiva ou, do contrário, arenas multiuso resultadas de uma sociedade capitalista produtora de passados?”

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de arenização possui uma característica específica quando aplicado aqui no Brasil: ele não cumpre seu objetivo inicial. Seja pela resistência a esse modelo que cresceu nos últimos anos, acrescida de uma enorme rejeição pelo fato de as construções para a copa não serem aproveitadas ao máximo, se tornando elefantes brancos, seja pela sensação de “morte” do futebol como conhecemos, manter os torcedores domesticados não surte efeito, pelo contrário, torna-os mais efusivos nas suas celebrações durante o jogo.

O ódio pelo “futebol moderno” parece ter tomado o centro do debate de algumas torcidas organizadas, que mesmo não abordando este fenômeno como um aspecto intrinsecamente ligado ao sistema capitalista, considerando a economia brasileira (neoliberal), estão problematizando a mudança do caráter do esporte mais popular do país. Aos poucos, as arenas vão tendo sua estrutura e sistema de operação questionados, o que influencia até mesmo nos trâmites de construção de novos estádios ou a reforma dos já existentes.

Não se pode perder de vista a conexão que estes ambientes têm com os torcedores. Eles formam vínculos que atravessam gerações, passam de mãe/pai para filha/filho, transcendem a lógica mercantil, e muito menos podem ser explicados de maneira exata ou contábil. A memória criada ali deve ser o primeiro fator a ser levado em conta em caso de reforma ou demolição para a construção de uma arena moderna. Qualquer outro elemento a ser considerado prioritário, demonstrará que a administração do clube ou clube-empresa apenas se importará com a lucratividade, e não com a torcida, fato comum, porém mais explícito nesse momento.

No momento de conclusão desta monografia, o Estádio Vasco da Gama, também conhecido como São Januário, objeto de justificativa desta pesquisa, aprovou seu potencial construtivo e as obras para a reforma devem iniciar em março de 2025. O fato de haver uma boa aceitação, inclusive por boa parte da torcida, se deve a dois fatores: a integração com a comunidade e o aproveitamento do espaço para proporcionar uma maior pressão aos adversários.

Em primeiro lugar, o fato de São Januário se localizar dentro de uma favela na Zona Norte do Rio, já é um diferencial, tendo em vista os ataques racistas sofridos nos últimos anos. O projeto aprovado, contou com a participação da associação de moradores da Barreira do Vasco, o tornando mais popular, já que promoverá a economia local, que muitas vezes é dependente dos jogos do clube. Serão oferecidos cursos para moradores da Barreira trabalharem nas obras, além da contratação de serviços de quitandas do comércio local para alimentar os funcionários.

Com isso, o período de reforma não deve causar grandes prejuízos aos moradores. Esta diferença é importantíssima para entender a arenização. Ainda que com um óbvio projeto para aumento de receitas e transformação em um espaço multiuso, o CRVG se atenta à comunidade e busca reduzir ao máximo os impactos gerados pela obra, em grande parte por pressão efusiva das associações de moradores e das torcidas organizadas, que perceberam as contradições deste processo e buscaram evitá-las.

Em segundo lugar, a docilização dos torcedores não deve ter vez neste novo estádio. Com uma capacidade prevista para quase 60 mil pessoas, 74% será de arquibancadas, sem cadeiras, maior que a porcentagem atual, que é de 70%. O gramado também será aproximado, o que para os jogadores que atuarem como visitantes, vai se tornar um verdadeiro caldeirão. Os elementos mais visíveis que constituem o fenômeno da arenização, nesse caso, são enfraquecidos, o que reflete uma noção da população sobre alguns aspectos de seu funcionamento.

Nosso país é extenso e diverso. Não há como aplicar apenas um elemento de análise para uma arena do Sudeste, por exemplo, e utilizar este mesmo método em uma arena do Nordeste. Cada local e região terá sua especificidade ao lidar com este processo, que se conecta com diversos aspectos econômicos, urbanísticos, subjetivos e políticos.

Por fim, ao realizar estas mudanças, é preciso repensar seus meios de uso, a fim de se atentar à memória e a subjetividade construída pela torcida. Sua modernização, por si só, não abrange o público que mais se conecta ao futebol, e a inclusão nesses espaços, é também excludente, pois deixa de lado outros públicos.

Além disso, o “fim da história” mostra-se como um discurso derrotista, tendo em vista que ignora as experiências de contraposição à transformação de arenas. O novo começo, neste caso, não seria um processo histórico novo, mas sim uma forma de poder incluir estes grupos que não possuem voz e representatividade na conjuntura atual da gestão destes ambientes.

Portanto, ainda devemos levar em conta os aspectos comuns à maioria das arenas e estádios reformados, percebidos aqui neste trabalho. Contudo, o cenário recente revela que ainda há pelo que lutar e lembrar. A arenização, em sua origem, visa retirar os laços criados pelos torcedores com o ambiente, se tornando uma mera vitrine. Se não há mais capacidade de admiração, passamos a nos supervisionar e a governar nós mesmos (Han, 2015, p.128). É o momento de quebrarmos esse paradigma. Está na hora de transformarmos os estádios novamente em espaços pulsantes, vivos, propícios à criação de laços e, principalmente, de memórias edificantes de sujeitos.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Felipe V. P. *et al.* Patrimônio afetivo, concreto e em movimento: o caso do futebol. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer-UFMG*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, 2022. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2022.40805>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/40805>. Acesso em: 25 set. 2024.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Futebol: esporte mais popular no Brasil tem data nacional no mês de julho*. 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/experiencias-presenciais/parlamentojovem/outros-conteudos/projetos-pjb/futebol-esporte-mais-popular-no-brasil-tem-data-nacional-no-mes-de-julho-1#:~:text=Em%202017%2C%20o%20IBGE%20estimou,da%20so>. Acesso em: 25 set. 2024.

DAMO, Arlei Sander. Dos grounds às arenas: as quatro gerações de estádios brasileiros em perspectiva antropológica. *Revista eletrônica do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 212-246, 2021.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013.

LÊNIN, Vladimir I. *Imperialismo: etapa superior do capitalismo*. Campinas: UNICAMP, 2011.

MARTINS, Diego. Futebol moderno: como ele invadiu a mentalidade dos torcedores. *Ludopédio*, São Paulo, v. 178, n. 3, 2024. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/futebol-moderno-como-ele-invadiu-a-mentalidade-dos-torcedores/>. Acesso em: 22 maio 2024.

MELLO, Eduardo de Castro. O estádio de futebol e sua percepção inovadora. *Revista USP*, São Paulo, n. 99, p. 153-158, 2013.

MIRANDA, Lucas Mascarenhas *et al.* Memória individual e coletiva. In: CALDAS, Graça (org.). *Vozes e silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental?* 2. ed. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2017. p. 270-272.

OLIVEIRA, Vitória. Tua imensa torcida é bem feliz. In: GARONE, A. *et al.* *1898 em diante*. 2. ed. Rio de Janeiro: Corner, 2021. p. 308-312. Número 26.

PIRES, Giovanna. Mineirão e mais: estádios do Brasil com sala sensorial para autistas. *O tempo Sports*, Belo Horizonte, 2 abr. 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/sports/futebol/mineirao-e-mais-estadios-do-brasil-com-sala-sensorial-para-autistas-1.3358982>. Acesso em: 24 set. 2024.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. “O sequestro dos estádios de futebol: a dimensão simbólica das novas arenas e a guinada antifascista transnacional nas torcidas”. *Locus: Revista de História*, v. 27, n. 1, p. 338-364, 2021.

RAMPAZZO, Gil Fevorini. O fim da festa e da história: os efeitos da arenização nos estádios e arenas de futebol. *Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade*, v. 2, n. 1, p. 1-22, 2021.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. O público dos estádios: marcos históricos da atual elitização e arenização do futebol brasileiro. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 16., João Pessoa - PB, 15 a 17 maio 2014.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, Luís Felipe de Oliveira; CARLETTO, Consuelo. *A diversificação do uso aplicado à função social dos estádios e arenas brasileiros*. *In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO*, 18., 2020, Porto Alegre.

SILVEIRA, Nise. *Jung: vida e obra*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Vida e Obra).

SIMAS, Luiz Antônio. *Maracanã: quando a cidade era terreiro*. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.